

O português nos *Colloquia, et Dictionariolum Octo Linguarum* (1598), de Noël de Berlaimont: aspetos do contacto com o espanhol

The Portuguese language in the *Colloquia, et Dictionariolum Octo Linguarum* by Noël de Berlaimont (1598 version): aspects of contact with Spanish

Maria do Céu Fonseca*

RESUMO

As duas línguas ibéricas são introduzidas nos *Colloquia, et dictionariolum* (1530, Antuércia) em momentos cronológicos e contextos sociolinguísticos muito diferentes. O espanhol é a primeira língua moderna, depois do original bilingue, introduzida numa versão *quatuor linguarum* (flamengo, francês, latim e espanhol) em 1551 (Lovaina); é da responsabilidade de castelhanos; e, poucos anos depois é objeto de breves descrições gramaticais de morfologia e pronúncia. Quanto ao português, desconhece-se o seu autor; não teve descrição grafonética; e foi introduzido numa versão *octo linguarum* (latim, francês, flamengo, alemão, espanhol, italiano, inglês e português) em 1598 (Delft), num período de grande impregnação linguística e cultural espanhola. A tradição do texto espanhol no manual de Berlaimont terá influenciado a tradução do texto em português? Será o texto espanhol uma espécie de hipotexto (Gérard Genette) linguístico do texto português? Visa-se neste trabalho dar algumas respostas sobre a relação entre estes dois textos ao nível de aspetos

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2023nEspecial.1363>

* Universidade de Évora, cf@uevora.pt
orcid.org/0000-0002-1335-2262

lexicais e sintáticos, focando-se também elementos da história externa do manual de Berlaimont e da natureza dos manuais de conversação.

PALAVRAS-CHAVE: Noël de Berlaimont; português e espanhol; séculos XVI-XVII; manuais de conversação; léxico e sintaxe

ABSTRACT

The two Iberian languages are introduced in the *Colloquia, et dictionariolum* (1530, Antwerp) at very different times and sociolinguistic contexts. Spanish is the first modern language after the bilingual original, which was introduced in a *quatuor linguarum* version (Flemish, French, Latin and Spanish) in Louvain in 1551. This version is known that this version under the responsibility of the Castilians, who a few years later added some brief grammatical descriptions of Spanish morphology and pronunciation to the manual. For the Portuguese text, whose author is not known, there is no graphophonetic description and it is known that this translation was introduced in an *octo linguarum* version (Latin, French, Flemish, German, Spanish, Italian, English and Portuguese) in 1598 (Delft), at a time of great Spanish linguistic and cultural fertilisation. Did the tradition of the Spanish text in Berlaimont's manual influence the translation of the Portuguese text? Is the Spanish text a kind of linguistic hypotext (Gérard Genette) of the Portuguese text? This paper aims to provide some answers about the relationship between these two texts at the lexical and syntactic levels, also addressing elements of the external history of Berlaimont's textbook and the nature of conversation manuals.

KEYWORDS: Noël de Berlaimont; Portuguese and Spanish language; 16th-17th century; conversation manuals; lexicon and syntax

Considerações iniciais

Paul Teyssier apresentou, em 2004, um estudo de cinco línguas românicas – francês, espanhol, português, italiano e romeno –, com base numa metodologia de intercompreensão, que, a partir da ideia-chave de “[s]eulement comprendre, pour commencer” (TEYSSIER, 2012, p. 13), visa explorar a proximidade linguística entre línguas aparentadas, mobilizando conhecimentos linguísticos dos falantes (no caso, um público-alvo francês) para desenvolver competências comunicativas plurilingues. A ideia da intercompreensão românica (ou de graus de intercompreensão), que tem

anteriores no projeto seminal Eurom4 concebido por Claire Blanche Benveniste nos anos 90 (BLANCHE-BENVENISTE e VALLI, 1997), é a de que “le français, l’espagnol, le portugais, l’italien et le roumain sont des langues assez voisines pour que l’usager de l’une d’entre elles puisse comprendre assez facilement les quatre autres” (TEYSSIER, 2012, p. 13). Uma didática da intercompreensão entre línguas estrangeiras vizinhas, mesmo privilegiando competências de compreensão antes das de expressão, não pode prescindir de instrumentos operatórios da gramática comparada e da análise contrastiva entre uma língua de partida e uma língua alvo. Nestes termos, um exercício sucedâneo da gramática comparada (mas sem o recurso ao latim) em prol da intercompreensão, é o estabelecimento de divergências e convergências linguísticas aos níveis fonético, lexical e morfossintático. Nas palavras de Teyssier (2012, p. 14), “présenter les similitudes et les différences des cinq langues” em diferentes níveis da análise linguística. A título de ilustração, apresentam-se exemplos de Teyssier, envolvendo lexemas em (1), sintagmas preposicionais em (2) e estruturas frásicas básicas (frase simples e frase complexa) em (3) (cf. TEYSSIER, 2012, p. 55, 241, 265, 284):

(1) *bière* (fr.)¹ | *cerveza* (esp.) | *cerveja* (port.) | *birra* (it.) | *bere* (ro)

(2) *dans cette ville* (fr.) | *en esta ciudad* (esp.) | *nesta cidade* (port.) | *in questa città* (it.) | *în acest oraş* (ro.)

(3) *Je parle* (fr.) | *Hablo* (esp.) | *Falo* (port.) | *Parlo* (it.) | *Vorbesc* (ro.)

Je comprends que Pierre a raison (fr.) | *Comprendo que Pedro tiene razón* (esp.) | *Compreendo que Pedro tem razão* (port.) | *Capisco che Pietro ha ragione* (it.) | *Înţeleg că are dreptate Petru* (ro.)

Esta metodologia comparativa no ensino de línguas modernas estrangeiras não pode desligar-se nem do ensino das línguas clássicas (latim, grego e hebraico) com estatuto de língua estrangeira “from the origins of Western Civilization

1 Usam-se as seguintes abreviaturas: fr. (francês); esp. (espanhol); port. (português); it. (italiano); ro. (romeno).

(Sumerians, Egyptians, Greeks, and Romans) to the Renaissance in Western Europe” (TITONE, 1968, p. 1), nem, na senda deste, do ensino/aprendizagem de línguas europeias concebidas em termos de um público estrangeiro, desde a época renascentista. A história deste percurso está marcada por muitas “gramáticas paralelas” (DE CLERCQ, LIOCE e SWIGGERS, 2000, p. xii), cuja descrição simultânea de duas ou mais línguas modernas é fundamentalmente de natureza contrastiva. Ao lançar o seu projeto Eurom4 no início dos anos de 1990, Claire Blanche-Benveniste (1997, p. 7) recordava o gramático francês Nicholas Adam (1717-1792) para contextualizar a nova metodologia da intercompreensão entre línguas da mesma família no quadro da tradição gramatical do ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras (LE):

Derrière ces outillages modernes se profile une très vieille expérience européenne, du temps où l’on jugeait naturel de passer d’une langue à une autre, à condition d’être déjà bien à l’aise dans la sienne. Ainsi s’exprimait il y a deux siècles, en 1790, un professeur nommé Nicolas Adam dans un ouvrage intitulé *La vraie manière d’apprendre une langue quelqconque, vivante ou morte, par le moyen de la langue française* :

« [Mon but est] non pas de former des Grammairiens profonds, mais de mettre les personnes studieuses en état de savoir assez sur leur langue, pour être capables d’en étudier une autre. »

A citada obra de Nicholas Adam é constituída por um conjunto de manuais gramaticais de francês, latim, italiano, inglês e alemão (1779-1787), usados no ensino de LE para o público-alvo francês, a partir da sua língua materna. Desta longa experiência europeia a que se refere Blanche-Benveniste fazem parte outros autores, obras e toda uma produção editorial de manuais e métodos de ensino de línguas não maternas, ligados à história das modernas abordagens do conceito de intercompreensão². Pretende-se agora focar um

2 Diversos autores já focaram a perspetiva histórica da intercompreensão entre línguas aparentadas. Sá (2013, p. 83) sintetiza o assunto.

género textual desta tradição, que constitui um instrumento complementar do ensino estritamente gramatical de línguas modernas estrangeiras.

1. Guias de Conversação: elementos de caracterização

Pode sintetizar-se nos seguintes pontos o género textual dos guias de conversação ou, por adaptação e tradução, “textbooks” (HÜLLEN, 2003), “diálogos escolares” (SÁEZ RIVERA, 2007, p. 1152-1158), “manuais de conversação”:

(i) A natureza bilingue, isto é, “books contained phrases and dialogues in English and at least one foreign language (...), often alongside information on grammar, vocabulary, and pronunciation” (GALLAGHER, 2019, p. 11)³, permitindo um ensino contrastivo, sempre com a mesma configuração formal de colunas paralelas para a língua de partida e para a(s) língua(s) de chegada.

(ii) A orientação pragmática⁴, considerando o uso de conteúdos funcionais e comunicativos, isto é, “texts which aimed to inculcate competence in reading, writing, and – crucially – speech” (GALLAGHER, 2019, p. 67).

(iii) A autonomia relativamente a outros materiais, isto é, “[d]ifferent from stand-alone grammars and dictionaries (though conversation manuals commonly contained gramatical and/or lexicographical material)” (GALLAGHER, 2019, p. 66), constituindo tais manuais um género textual híbrido entre a gramática e o dicionário.

Nem sempre é líquida a classificação dos guias de conversação em termos de tipologia de obras metalinguísticas. É possível, porém, salvaguardar a homogeneidade de um *corpus* de guias de conversação, tais o elenco de Claes (2000) para o francês LE entre 1550 e 1700, o de Gallagher (2019, p. 257) para

3 Contextualizada numa geografia e cronologia específicas, a definição de Gallagher é, porém, transversal a outras realidades.

4 Segundo McLelland (2018, p. 24), “[f]oreign language learning manuals can be valuable sources for the history of pragmatics and historical pragmatics. They may contain explicit guidance on pragmatics not found in native-speaker grammars”.

“Conversation manuals containing English and at least one other European language, printed in the period 1480-1715”, ou ainda o elenco de Verdelho e Silvestre (2011, p. 237-244), que inclui dicionários, gramáticas e manuais de português LE, cuja tradição, situada no século XIX, é bastante mais tardia e também modesta, se comparada com a de outras línguas europeias. Conforme referido acima, estes manuais, constituídos por diálogos, vocabulários e apontamentos gramaticais, entram numa categoria de textos não estritamente gramaticais destinados a um ensino de LE de reduzido aparato teórico, rápido, prático, necessariamente elementar e vocacionado, quer para grupos profissionais ligados ao mundo dos negócios e à atividade comercial, quer para o público escolar (estudantes e mestres). A audiência era diversificada do ponto de vista de faixas etárias, já que diversos guias de francês LE mencionam “adultes” e “jeunesse” entre o público-alvo, e alargada a vários grupos sociais: “to a wide and varied audience, from ‘artisans and women’ to merchants and princesses” (GALLAGHER, 2019, p. 111).

Enquanto as gramáticas e os dicionários pressupõem níveis mais avançados de conhecimento da língua, estas obras são gramaticalmente incipientes, proveitosas “para aprender a ler, escrever, e falar”, como afirmou o flamengo Noël de Berlaimont nos seus *Colloquia, et dictionariolum* (RIZZA *et al.* [1996], p. 10b)⁵. Na tradição do francês LE, constituíram uma espécie de “précurseurs lointains des manuels de conversation, tels ceux de la série ‘Berlitz’ par exemple, qui proposent au touriste des phrases-clés et un lexique de base lui permettant une communication élémentaire sur des thèmes de la vie quotidienne” (DE CLERCQ, LIOCE ET SWIGGERS, 2000, p. xix).

5 Salvo indicação em contrário, segue-se a edição que Rizza *et al.* (s. d. [1996]) fizeram de *Colloquia, et dictionariolum octo linguarum* (1656, Veneza).

2. *Colloquia, et Dictionariolum Octo Linguarum* (1595): português e espanhol

Há extensíssima bibliografia sobre a tradição do manual *Colloquia, et dictionariolum* (1530, Antuérpia), do flamengo Noël de Berlaimont (†1531)⁶, talvez só de forma equivalente à larga difusão que a obra conheceu por toda a Europa desde o século XVI ao século XVIII e ao elenco de doze línguas alternadas, presente nas versões octolíngues. A versão portuguesa é introduzida em 1598, depois de a obra ter passado de uma primeira edição de vocabulário bilingue (flamengo-francês) – a única da responsabilidade do autor – a *Colloquia, et dictionariolum* plurilingue, em três, quatro, seis, sete e oito línguas, e depois de sucessivas ampliações do seu conteúdo por parte dos editores, nomeadamente quanto ao número de diálogos. Segundo Hüllen (2003), trata-se de um “textbook family”, no sentido em que a sua tradição configurou o modelo do género textual do diálogo escolar, muito popular como meio rápido de acesso (*introito e porta*) a uma ou várias línguas modernas estrangeiras. O português, que só entra nos *Colloquia* em finais do século XVI, mantém-se, conforme recenseamento de Rossebastiano (1975, p. 63-85), em 21 edições da série *octo linguarum*, que cobrem todo o século XVII (1598-1692), publicadas maioritariamente no Reino dos Países Baixos (Delft, Haia, Antuérpia, Amesterdão, Midelburgo e Flessingue)⁷, onde se fixaram, desde as décadas de trinta e quarenta do século XVI, cristãos-novos e judeus portugueses fugidos da Inquisição. Foi sobretudo em Amesterdão que a presença judaico-portuguesa de mercadores e ilustres médicos,

6 Mencionam-se apenas alguns trabalhos sobre a tradição do manual de Berlaimont: SWIGGERS, 2013; PABLO NÚÑEZ, 2010; HÜLLEN, 2003; CLAES, 2000; TIMELI, 1992; AUBERT, 1993; ROSSEBASTIANO, 1975, 2000; GALLINA, 1959; VERDEYEN, 1925-1935.

7 Outros locais das edições octolíngues com o português: Veneza (1627, 1646 e 1656, nas tipografias de Io. *Baptistam Combum, Baretiana e Iuliana, respetivamente*); Londres (1636, na tipografia de E. G. [Edward Griffin] for Michael Sparke Junior); Bolonha (1692, na tipografia De Longhis).

filósofos e dirigentes da administração e das finanças se tornou mais notável na economia, na produção artística e cultural (áreas da impressão e difusão do livro, por exemplo), e na fundação de muitas instituições com um papel preponderante ao nível da integração social da nova comunidade (WAGNER, 1924, p. 5). É natural, por isso, que o autor da versão portuguesa presente nos *Colloquia* (edição de Delft, 1598) fosse um dos membros deste “milieu juif d’Amsterdam” (ROSSEBASTIANO, 2000, p. 695) e faz sentido também associar a introdução do português na obra de Berlaimont à presença desta comunidade na Flandres e, de forma mais casuística, à data da fundação da sinagoga portuguesa em Amsterdão (ROSSEBASTIANO, 1975, p. 39)⁸.

Apesar das importantes relações bilaterais entre Portugal e as nações flamenga e holandesa, a integração da língua portuguesa no meio antuerpiano e depois em território amesterdanês era fraca face à hegemonia do espanhol por força do domínio da coroa de Carlos V (1500-1558) e Filipe II de Espanha. Embora extenso o elenco de obras religiosas e literárias em língua portuguesa saído de prelos judaico-portugueses de Amesterdão⁹, os autores viviam a mesma situação de bilinguismo luso-espanhol existente na corte portuguesa dos séculos XV-XVII; situação característica não apenas do meio literário, mas extensiva ao uso corrente da língua¹⁰. Esta preferência explica o facto,

8 Segundo Mendes e Remédios (1990, p. 171), “[f]oi por 1593 que os primeiros *Marranos* aportaram áquella cidade [Amsterdão], os quaes, constituindo desde principio, como aliás era natural, um nucleo familiar e religioso, fundaram em 1598 a primeira Synagoga com o nome de *Beth Ya’cob*, do nome dum dos fundadores – Jacob Tirado” A informação é retomada por Wagner (1924, p. 6).

9 Veja-se o capítulo “[t]rabalhos em lingua portugueza existentes em Amsterdam” de Mendes dos Remédios (Mendes e Remédios 1990: 219-314). Veja-se também, nesta mesma obra, o estudo introdutório de Manuel Cadafaz de Matos e Herman Prins Salomon.

10 Testemunhos epistolográficos de negociantes portugueses documentam a preferência pela língua espanhola. Fernão Ximenes e Rui Nunes, dois portugueses de uma das mais importantes famílias sefarditas do meio comercial antuerpiano, escreviam ao mercador Simón Ruiz em finais do século XVI: “Y queda advertido de continuar en lengua spagnnola, pues la suya francesa le es trabajosa a v. m.” (Vázquez de Prada 1960: 374, Vol. II).

assinalado por Rossebastiano (1975, p. 39), de o português introduzido nos *Colloquia* em 1598 ser uma versão traduzida do espanhol presente na obra de Berlaimont desde 1551: “(...) che il traduttore non fosse fiammingo e che meglio di ogni altra lingua presente nel manuale conoscesse lo spagnolo è certo, poiché la nuova versione risulta realizzata sulla base di quella spagnola”. Outra língua veicular românica era o francês, que também servia de ligação entre a comunidade linguística ibérica e a neerlandesa. Quanto ao neerlandês, o seu domínio por parte da comunidade judaico-portuguesa está documentado só a partir de finais do século XVII (TEENSMA, 1991), progressivamente à diminuição da diáspora ibérica e ao crescimento da população sefardita quanto a falantes de neerlandês como língua materna. Este quadro sociolinguístico tem reflexos na produção gramatical luso-neerlandesa (AUGUSTO, 2011), que se inicia em 1714 com um dicionário bilingue, seguido da gramática do Pe. Carlos Folqman, a *Portugeese en Nederduitse Spraakkonst* (1742, Lisboa). Nos mesmos termos, pode-se considerar que a entrada do português nos *Colloquia, et dictionariolum* (1598) inaugura a fase da produção gramatical bilingue que está na origem de uma tradição dicionarística português-línguas modernas europeias (VERDELHO e SILVESTRE, 2011) e de uma gramaticografia portuguesa bilingue que, publicada sobretudo fora do país, privilegiou o confronto com o inglês e o francês, de forma mais significativa nos séculos XVIII-XIX. Mas no espaço linguístico peninsular, o contacto entre o português e o espanhol constituiu um contínuo ao longo de dois séculos e meio (entre a segunda metade do século XV e finais do século XVII), com consequências linguísticas ao nível, quer da contaminação do espanhol pelo português, como mostrou Paul Teyssier no estudo da língua vicentina, quer da influência do espanhol no português, num período que coincide com a versão dos *Colloquia, et dictionariolum octo linguarum* em apreço. Conforme citação *supra*, Rossebastino refere esta influência espanhola, focando exemplos do vocabulário, e traços ortográficos e fonéticos que revelam interferências linguísticas entre as duas línguas peninsulares, características de uma comunidade que “mantenne il doppio

registro linguístico, usando (...) il portoghese nella vita familiare e lo spagnolo nei libri d'orazione” (ROSSEBASTINO, 1975, p. 56). Passa-se à análise de alguns aspetos desta influência.

3. Aspetos lexicais e sintáticos

Foram atestadas por Rossebastiano (1975, p. 54) as ocorrências das seguintes palavras na versão portuguesa dos *Colloquia, et dictionariolum octo linguarum*, reveladoras da influência espanhola ou de interferências lexicais causadas pelo convívio entre as duas línguas, já que algumas de tais unidades lexicais ocorrem a par do uso da forma portuguesa:

- esp. *Dios* (p. 21b) e port. *Deos* (pp. 15 e *passim*)
- esp. *Señor(a)* (pp. 29b e *passim*)¹¹ e port. *Senhor(a)* (pp. 44b e *passim*)¹²
- esp. *(las) manos* (pp. 40b e *passim*) e port. *maos, maõs* (pp. 11b e *passim*)
- esp. *naciones* (p. 7b)
- esp. *espanhol*<e>*s*¹³ (p. 45b)
- esp. *rodil*<h>*la* (p. 26b), *rodillas*¹⁴ (p. 51)

11 Parece tratar-se de um uso particular, uma vez que a nasal palatalizada <ñ> é sempre representada pelo dígrafo <nh>.

12 Registaram-se diferenças entre as várias edições da obra. Os contextos de ocorrência de *señor(a) / senhor(a)* em *Colloquia, et dictionariolum* (1662, Antuérpia) diferem. Segundo os critérios de transcrição de Maria Helena Abreu, que editou o texto português, “abbiamo rispettato le forme fisse *señor* e *señora* scritte alla maniera castigliana” (RIZZA *et al.* [1996], p. xvi).

13 Quanto aos critérios de transcrição, a edição de Rizza *et al.* (s. d. [1996]) uniformizou as seguintes anotações: letras ou sílabas reconstruídas aparecem entre parênteses angulosos; inclusões de texto, entre parênteses retos; a omissão de letras é indicada por meio de chavetas.

14 Forma atestada em *Colloquia, et dictionariolum* (1692, Bolonha).

Ainda no domínio do léxico, da morfologia e da sintaxe, outros factos da versão portuguesa parecem ser efeito de impregnação espanhola. Salientem-se abaixo os aspetos (i)-(v)¹⁵, ilustrados no quadro a seguir:

- (i) Unidades lexicais e estruturas sintagmáticas de *nome + adjetivo*.
- (ii) Aspetos do sistema verbal relativos às formas do espanhol *pido* e *pidais*, 1.^a e 5.^a pessoas de Presente (indicativo e conjuntivo) que apresentam irregularidades na conjugação portuguesa.
- (iii) A confusão entre a construção da perífrase de futuro próximo *ir + infinitivo* (port.) e a estrutura correspondente em espanhol, *ir + a + infinitivo*.
- (iv) O uso da forma de singular de expressão horária, característica do espanhol peninsular.
- (v) A sintaxe *verbo + sujeito*, que em português se justificaria por razões pragmáticas, parece ser tradução literal do espanhol, tanto mais que o francês apresenta a construção de sujeito pré-verbal (“M’amie, mon lit est il fait?”), mas já não o italiano (“Amor mio, à fatto il mio letto?”).

Texto português	Texto espanhol
(i)	(i)
- Que fazeys aqui taõ de <i>manhana</i> ao frio?	- ¿Qué fazéys aquí tan de manãna al frío?
- (...) eu vos tirey companhia <i>amanhana</i> todo o dia (49b, 78b)	- (...) yo os terné compañía manãna todo el día
- Aynda que fosse<is> meu <i>irmano</i> (54b)	- Aunque fuéssedes mi hermano
- <i>Irman</i> <a>, a<o>nde he <o> <i>caminho</i> <i>dir[e]ito</i> daqui à Anvers? (69b)	- Hermana, ¿adónde es el derech<o> camino de aquí a Anveres?

15 Nos exemplos (i)-(v), todos os constituintes que se pretende destacar são apresentados em itálico e indicam-se as páginas entre parênteses.

(ii)	(ii)
- <i>Pido por ella cinco florins</i>	- Pido por ella cinco f[lor]ines
- Mas não <i>pidais</i> demasiado (52b)	- ¡Pero no pidáys demasiado!
(iii)	(iii)
- (...) para que <i>vamos a comer</i>	- (...) que vamos a comer
- (...) <i>vay a comer?</i>	- (...) va{n} a comer?
- (...) <i>ir a comer</i> com elle (22b, 32b)	- (...) ir a comer con él
(iv)	(iv)
- Que <i>hora h<e>?</i> (14b, 86b)	- ¿Qué hora es?
(v)	(v)
- Irmana, <i>esta feita a minha cam<a>?</i> (83b)	- Hermana, ¿está hech<a> mi cama?

4. Aspectos sintáticos entre as versões portuguesa e espanhola

Um dos aspetos sintáticos mais evidentes da proximidade entre as versões portuguesa e espanhola dos *Colloquia, et dictionariolum octo linguarum* tem a ver com padrões de colocação dos pronomes clíticos, que convergem no que toca especificamente à próclise em contextos de verbo finito. Em consequência de mudanças linguísticas que ocorreram aproximadamente depois do século XVII (MARTINS, 2016), sabe-se que o sistema atual das duas variantes peninsulares apresenta um quadro de assimetria inversa dos pronomes átonos: colocação proclítica no espanhol (com verbo finito) *vs.* colocação enclítica no português europeu (sem itens proclisadores). Esta simplificação esconde, porém, divergências deste padrão, quer na sintaxe contemporânea (de ambas as línguas), quer na mudança sintática ao longo do tempo, sobretudo a partir do século XVII (em relação ao português). Focando esta cronologia do português, mais precisamente a de XVI-XVII, Martins

(2016, p. 417)¹⁶ analisou a sua “gramática fortemente proclítica, de cariz ‘pan-ibérico’”, característica que aproxima as duas línguas nos seus registos mais cuidados, se se entender que o bilinguismo luso-espanhol foi um fenómeno da corte e dos portugueses cultos, conquanto outras fontes, documentos ou materiais sobre as línguas usados na história das ideias linguísticas, possam ser igualmente informativas. Os *Colloquia, et dictionariolum* poderão estar numa categoria de obras menores, no sentido de obras de consumo fácil, considerando a dicotomia obras maiores vs. obras menores. Mas quem quer que tenha sido o autor do texto português, e qualquer que fosse o seu perfil socioprofissional e cultural, um dos traços linguísticos mais sistemático é a preferência pela posição proclítica do pronome em frases afirmativas com verbo finito, na versão portuguesa do fim do século XVI. Os pronomes átonos acusativos, dativos, as respetivas formas contraídas e os clíticos reflexivos são proclíticos em formas verbais finitas, tal o sistema canónico do espanhol (ALARCOS LLORACH, 1994, p. 198)¹⁷. Os exemplos seguintes em (i), muitos dos quais configuram um padrão que se repete, atestam próclise do pronome pessoal reflexivo (cf. frase a.), dos pronomes objeto direto (frases c., f., j., k., m., n., o., p.) e indireto (frase q.), e de formas combinadas contraídas destes dois últimos (frases b., d., e., g., h., i., l., r.)¹⁸:

16 Vd. também Galves *et al.* (2005) sobre a variação da ênclise vs. próclise em textos dos séculos XVI-XVII, período que, segundo Martins (216, p. 417), fez a viragem para ‘generalização definitiva da ênclise’, (ou predominância), que caracteriza o atual português europeu.

17 Fernández Soriano (1999) e a *Nueva gramática de la lengua española* (2009, Real Academia Española) analisam aspetos da variação diacrónica da sintaxe dos clíticos em espanhol: por exemplo, a próclise com infinitivo até ao século XV (“Salió el batel a le prender”, RAE, p. 1209); a ênclise usada com participios na língua medieval e clássica (“(...) y quedádose con la primera”, RAE, p. 1210).

18 Doravante, os clíticos são destacados em itálico e as páginas indicadas entre parênteses.

- (i)
 - a. Fiquay com De<u>s, eu *me* vou. (14b, 17b)
 - b. <Eu> *to* dixे mais de vinte veses. (17b)
 - c. Naon muy bein, primo, mas eu *o* aprendo (19b)
 - d. Eu *vo l<o>* agradeço, prima. (18b, 20b, 41b)
 - e. (...) fazey todos boa chira, eu *vo lo* rogo (28b)
 - f. N[a]on farey, eu *me* atenho (39b)
 - g. Eu *lho* agradeço cem mil vezes. (80b)
 - h. Señor meu, e<u> *lho* hey dito (102b)
 - i. Nos *vo lo* agradeçemos, Señor hospede (33b, 79b)
 - j. Francisco, vay a porta, *la* batem (21b)
 - k. (...) naõ ousa comer, eu *ò* vejo bein (26b)
 - l. <E>u *to* dixे mais de vinte veses (16b)
 - m. V<o>s *ò* pode<i>s fazer pr{a}eguntar ao nosso mestre (16b)
 - n. Bein *o* hey todo bebido (39b)
 - o. Eu *te* avia mandado que viesses (15b)
 - p. Pedro, meu señor, *me* ha mandad<o> ca (32b)
 - q. Esta bono, Pedro, elle *vos* manda as bo<a>s noytes (42b)
 - r. Si fareys eu *vo lo* faço bom (59b)

Esta preferência pela próclise não exclui, porém, contextos de ênclise: cf., por exemplo, as frases “Eu *vo l<o>* agradeço, prima” (41b) e “Si, Señor. Agradeço *vo lo*” (109b)¹⁹. Outras ocorrências de próclise registam-se em formas de futuro presente (ver (ii) no quadro abaixo), aparentemente em variação com a mesóclise (ver (iii) no quadro abaixo), sem que se tenha registado, de momento, uma preferência pelo uso pré-verbal mais próximo da colocação pronominal espanhola:

19 Não foi possível obter dados quantitativos comparativos das ocorrências de próclise e ênclise nestes contextos de variação livre, mas tal análise não invalidaria o que agora se apresenta.

(ii) Próclise no futuro presente	(iii) Mesóclise no futuro presente
Esta bein, eu <i>vos</i> servirey (41b)	Dareys muytas graças a v<o>sso amo, e <i>dir lhes</i> heys que (...) (43b)
Eya, vinde comigo, eu <i>vos</i> pagarey, eu <i>vos</i> darei fiador (64b)	(...) de b<o>a vontade recebo, <i>far vos hey</i> a razaõ (44b)
Eu <i>o</i> farey assi, Señor (77b, 16b)	<i>Dar v<o> lo hey</i> taon barato (93b)
Eu <o> beberey todo. (38b)	Ora bein, <i>tirar me heys</i> os dez grossos (96b)
(...) mas <i>vos</i> <i>lhe</i> direys que eu lh<o> agradeço (33b)	<i>Far vos haon</i> bom mercado (98b)
(...) mas <i>as</i> podereis por vos mesmo falar (7b)	<i>Pode lo hey</i> [aver] <?> (101b)
Esta bein, eu <i>lho</i> direy (33b)	<i>Toma l<o> hemos</i> nos? (105b)
Bein, may. Eu ò farey (16b)	(...) <i>sentar se ha</i> aqui que he o seu lugar (23b)

Quanto à posição pronominal enclítica, destaca-se em (iv) *infra*, quer pela sua frequência no texto em análise, quer pela aproximação à sintaxe pronominal do espanhol, a construção com imperativo afirmativo (frases a.-m.), deixando-se agora de remissa as estruturas menos correntes de infinitivo (do tipo “(...) deixad<e> Pedro assentar *se* alli”, 23b) e gerúndio (como “(...) rogand<o> *vos*”, 32b):

- (iv)
- a. Pedro, assentemo *no[s]* (23b)
 - b. David, assentay [*v*]os allen dentr<o> (23b)
 - c. Perdo{n}e *me* v. m., isso não farey eu (23b)
 - d. Francisco, traze *nos* de comer (23b)
 - e. Frãcisco, asse<nt> ay *vos* <co>m nos outro<s> (24b)
 - f. Da *me* ò pote da cervesa. Tomay *o* (25b)
 - h. Pedro, cortay *me* da carne, cortay *me* tambein paon (25b)
 - i. Day *lhe* de comer, que esta vergonhoso (26b)
 - j. João, deita *nos* de beber (28b)
 - k. Dizey *lhe* que eu so<u> criado de seu tio (31b)
 - l. Preguntay *lhe* o que quer (31b)
 - m. Bein, faze *o* entrar (31b, 32b)

Parece estar também generalizada a posição pré-verbal dos clíticos em contextos desencadeadores de próclise, que são contextos de ordem fixa em português nos casos dos seguintes paradigmas: frases finitas negativas (cf. (v) abaixo); estruturas subordinadas (cf. (vi) abaixo); construções com advérbios em posição pré-verbal (cf. (vii) abaixo):

(v)

- a. Naon *o* hey ebibo todo? (38b)
- b. Eu naom *o* <o>uvi (14b)
- c. Naom *me* posso deter mais (14b)
- d. (...) eu naõ *me* hey em n<e>nhūma parte detido (16b)
- e. N<aõ> ò comais todò (24b)
- f. Eu naõ ò conheço, Señor pay (31b)
- g. (...) naom *me* he possi<v>el de vyr <a> meyo dia (33b)

(vi)

- a. (...) porque *vo lo* manda em sinal de amo[r] (43b).
- b. Deos *vos* dè (12b, 33b)) (que deus te dê)
- c. Ide, *Deos* vos guie (14b)
- d. Deos *vos* de boas tarde, minha may (15b)
- e. Deos ò deixe sempre prosperar em bein (18b)
- f. Deos *vos* bendiga (23b)
- g. (...) *vos lhe* direys que eu *lh<o>* agardeço de boõ coraçao (33b)
- h. Señor pay, aqui esta hun homem que *vos* quer falar (31b)
- i. Diz que *l<h>e* con<v>em falar à v. m. (31b)
- j. Que se não *vos* vier a proposito aprende llo todo de còr, tomay delle o que *vos* he mais necessario (8b)
- k. Ajuday *vos* vos mesmo porque eu naon *vos* servirey (26b)

(vii)

a. (...) prometendo-vos que (...) sempre *nos* esforçaremos de ajudar<o>s
(9b)

b. Aonde *te* às detido tanto? (15b)

c. Rogel sera, bein ò sey eu (21b)

Observações finais

O presente trabalho focou quase exclusivamente a colocação dos pronomes clíticos nos *Colloquia, et Dictionariolum et octo linguarum*, tendo ficando de remissa outras matérias pertinentes para documentar a afirmação de Rossebastiano (1975: 39) de que a versão portuguesa deste manual de conversação “resulta realizzata sulla base di quella spagnola”. Uma dessas matérias, talvez das mais complexas, já bem estudada nomeadamente por Juan M. Carrasco González para o período clássico (séculos XVI-XVIII), é a da morfossintaxe e semântica dos tempos compostos com *ter* e *haber*, que interessaria também no caso presente. A preferência do tradutor da versão portuguesa por formas do pretérito perfeito composto, como *aveis almoçado* (13b), *às detido* (15b), *ha tornado* (34b), *hey bebido* (38b), *avemos avido* (46b), em vez da forma simples, parece evidenciar características mais próximas do seu uso em castelhano do que a tradicional oposição entre o tempo composto e o tempo simples no português. Outras matérias, portanto, e maiores desenvolvimentos dos pontos agora tratados seriam necessários para, voltando ao início deste trabalho e fechando o ciclo, dar respostas mais seguras sobre a relação entre os textos português e espanhol ao nível de aspetos lexicais e sintáticos. Apesar da natureza parcelar do presente trabalho, procurou-se ainda assim apresentar algumas características dos *Colloquia, et Dictionariolum Octo Linguarum* de Noël de Berlaimont, e outras mais gerais do género textual dos guias de conversação, que contribuirão para o conhecimento das ideias linguísticas do português e do seu papel num campo que Nicola McLelland e Richard Smith estabilizaram como “History of the Language Learning and Teaching” (HoLLT).

Referências

I – Fontes

BERLAIMONT, Noël de. **Colloquia, et dictionariolum octo linguarum, Latinae, Gallicae, Belgicae, Teutonicae, Hispanicae, Italicae, Anglicae, & Portugallicae.** Antuerpia: Apud Henricum Aertsens, 1662.

BERLAIMONT, Noël de. **Colloquia, et dictionariolum octo linguarum, Latinae, Gallicae, Belgicae, Teutonicae, Hispanicae, Italicae, Anglicae, & Portugallicae.** Bononiae: Typographia de Longhis, 1692.

RIZZA, Ricardo (coord.), ABREU, Maria Helena; GARCÍA DINI, Encarnación; GIACCHERINI, Enrico; PAGANI, Walter; WAENTIG, Peter; Wolfgang. **Colloquia, et dictionariolum octo linguarum: latinae, gallicae, belgicae, teutonicae, hispanicae, italicae, anglicae, portugallicae.** Viareggio-Lucca-Italy: Mauro Baroni editore, s.d. [1996].

II – Estudos

ALARCOS LLORACH, Emilio. **Gramática de la lengua española.** Madrid: Espasa calpe, 1994.

AUBERT, Françoise. Apprentissage des langues étrangères et préparation au voyage. À propos d'un manuel plurilingue attribué à Berlaimont. **Documents pour l'histoire du français langue étrangère ou seconde**, 11, 14-20, 1993.

AUGUSTO, Maria Celeste. Do vocabulário ao dicionário: a lexicografia bilingue português-neerlandês-português. In: VERDELHO, Telmo; SILVESTRE, João Paulo (eds.). **Lexicografia bilingue. A tradição dicionarística Português-Línguas Modernas.** Aveiro: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa / Universidade de Aveiro, 204-220, 2011.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire et VALLI, André (coord.). **L'intercompréhension : le cas des langues romanes. In Le français dans le monde, Recherches et Applications.** Hachette, Edicef, 1997.

CLAES, Frans (2000). Vocabulaires et livres de conversation pour apprendre le français aux Pays-Bas espagnols entre 1550 et 1700. In: DE CLERCQ, J. LIOCE, N. et SWIGGERS, P. (éds). **Grammaire et enseignement du français 1500-1700.** Leuven / Paris: Peeters, 217-235, 2000.

DE CLERCQ; Jean, LIOCE, Nico et SWIGGERS, Pierre. Grammaire et enseignement du français langue étrangère entre 1500 et 1700. In: J. De CLERCQ, N. LIOCE et P. SWIGGERS (éds.). **Grammaire et enseignement du français langue étrangère entre 1500 et 1700.** Leuven: Peeters, p. ix-xxxiv, 2000.

FERNÁNDEZ SORIANO, Olga. El pronombre personal. Formas y distribuciones. Pronombres átono y tónico. In: BOSQUE, I. y DEMONTE, V. (dir.). **Gramática descriptiva de la lengua española**, vol. 1. Madrid: Espasa Calpe, 1209-1273, 1999.

GALLAGHER, John. **Learning languages in early modern England.** United Kingdom: Oxford University Press, 2019.

GALLINA, Annamaria. **Contributi alla storia della lessicografia italo-spagnola dei secoli XVI e XVII.** Firenze: Leo S. Olschki – Editore, 1959.

GALVES, Charlotte; BRITO, Helena; SOUZA, Ma. Clara Paixão de. The Change in Clitic Placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics*. 4/1. **Variation and Change in the Iberian Languages: the Peninsula and beyond.** Lisboa: Edições Colibri, 39-67, 2005.

HÜLLEN, Werner. Textbook-families for the learning of vernaculars between 1450 and 1700. In: AUROUX, Sylvain (éd.). **History of Linguistics 1999.** Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, pp. 97-107, 2003.

MARTINS, Ana Maria. A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e em diacronia. In: MARTINS, Ana Maria; CARRILHO, Ernestina (eds.). **Manual de linguística românica**. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 401-430, 2016.

MCLELLAND, Nicola. Mining Foreign Language Teaching Manuals for the History of Pragmatics. **Journal of Historical Pragmatics**, 19:1, 24-54, 2018.

MENDES, David Franco e REMÉDIOS, J. Mendes dos. **Os judeus portugueses em Amesterdão**. Edição (fac-símile das edições de 1911 e 1975) e estudo introdutório de Manuel Cadafaz de Matos e Herman Prins Salomon. Lisboa: Edições Távola Redonda, 1990.

PABLO NÚÑEZ, Luis. **El arte de las palabras. Diccionarios e imprenta en el Siglo de Oro**. 2 vols. Mérida: Editora Regional de Extremadura, 2010.

Real Academia Española. Asociación de Academias de la Lengua Española. **Nueva gramática de la lengua española**. Vols. I-II. Madrid: Espasa Libros, 2009.

ROSSEBASTIANO, Alda Bart. I “Colloquia” di Noel de Berlaimont nella versione contenente il portoghese. **Annali dell’Istituto Universitario Orientate XVII**, Sezione Romanza, 31-85, 1975.

ROSSEBASTIANO, Alda. La tradition des manuels polyglottes dans l’enseignement des langues. In: AUROUX, Sylvain *et al.* (éd.) **History of the language sciences I**. Berlin/New York: De Gruyter, 688-698, 2000.

SÁ, Maria Helena Araújo. *A intercompreensão em didática de línguas: modulações em torno de uma abordagem internacional*. **Lingvarvm Arena**, 4, 79-106, 2013.

SÁEZ RIVERA, Daniel Moisés. **La lengua de las gramáticas y métodos de español como lengua extranjera en Europa (1640-1726)**. Memoria para optar al grado de doctor. Facultad de Filología. Universidad Complutense, Madrid, 2007.

SWIGGERS, Pierre. Regards sur l'histoire de l'enseignement du français aux Pays-Bas (XVIe-XVIIe siècles). **Documents pour l'histoire du français langue étrangère ou seconde**, 50, 1-22, 2013.

TEENSMA, Benjamin N. Os judeus portugueses em Amsterdão. In: J. Everaert & E. Stols (dir.). **Flandres e Portugal: na confluência de duas culturas**. [Lisboa]: Inapa, 275-288, 1991.

TEYSSIER, Paul. **Comprendre les langues romanes. Méthode d'Intercompréhension. Du français à l'espagnol, au portugais, à l'italien & au roumain**. 1.^a ed., 2004. Paris: Chandeigne, 2012.

TIMELI, Maria Colombo. Dictionnaires pour voyageurs, dictionnaires pour marchands ou la polyglossie au quotidien aux XVe et XVIIe siècles. **Linguisticae Investigationes**, XVI, 2, 395-420, 1992.

TITONE, Renzo. **Teaching foreign languages. An historical sketch**. Washington: Georgetown University Press, 1968.

VÁZQUEZ DE PRADA, Valentin. **Lettres marchandes d' Anvers**. Paris: École Pratique des Hautes Études, Vol. II, 1960.

VERDELHO, Telmo; SILVESTRE, João Paulo (eds.). **Lexicografia bilingue. A tradição dicionarística Português-Línguas Modernas**. Aveiro: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa / Universidade de Aveiro, 2011.

VERDEYEN, René (éd.). **Colloquia, et Dictionariolum Septem Linguarum, gedrukt door Fickaert te Antwerpen in 1616**. 3 vols. Antwerpen/'s Gravenhage: Nederlandsche Boekhandel, Nijhoff, 1925-1935.

WAGNER, M. L. **Os judeus hispano-portugueses e a sua língua no Oriente, na Holanda e na Alemanha**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924.